TL 520

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA SOBRE DETENÇÃO DE XANANA GUSMÃO: - PORQUÊ E PARA QUÊ? -

Realizada no Círculo Universitário do Porto, na 2ª feira dia 14 de Dezembro de 1992 pelas 15h30, por iniciativa da Reitoria da Universidade do Porto.

1. *XANANA: - SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA DE TODO UM POVO*

2. *DETIDO AGORA PORQUÊ:*

   2.1. - *O TEMPO ESGOTA-SE PARA O REGIME INDONÉSIO;*

   2.2. - *NO CONFLITO ENTRE SUHARTO E OS MILITARES ESTES ÚLTIMOS PERDEM TERRENO E TEMEM SER PRETERIDOS NA SUCESSÃO.*

3. *DETIDO PARA QUÊ:*

   3.1. - *PARA PORTUGAL IR ENFRAQUECIDO À ONU - OU, DE PREFERÊNCIA, NEM SEQUER LÁ IR - E DEIXAR DE BLOQUEAR O ACORDO ENTRE A CE E A ASEAN;*

   3.2. - *PARA ENFRAQUECER A POSIÇÃO DA IGREJA;*

   3.3. - *PARA "CONSUMO" INTERNO E EXTERNO;*

4. *NUMA HORA DIFÍCIL IMPÕE-SE COERÊNCIA E FIRMEZA, NA DEFESA DO INALIANÁVEL DIREITO À AUTODETERMINAÇÃO E NA ESPERANÇA DE NOVOS E MAIS PROMISSORES DESENVOLVIMENTOS EM QUE PORTUGAL TEM QUE DESEMPENHAR O PAPEL DE UM FERMENTO DINAMIZADOR;*

1 - *XANANA, SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA DE TODO UM POVO*

Quando em 22 de Novembro de 1978, caíu em poder das forças de ocupação indonésias a última Base de Apoio da Resistência, no Monte Matebian, e em 31 de Dezembro do mesmo ano morreu em combate o Presidente da Fretilin, Nicolau Lobato, a Indonésia cantou vitória.

Tendo morrido cerca de 80% dos membros do Conselho Superior da Luta e tendo caído 90% das armas em poder dos ocupantes, muito poucos acreditaram que a Resistência Timorense fosse capaz de se recompôr dos tão duros golpes sofridos. E muito menos alguém imaginou que o apagado José Alexandre Gusmão, um dos três últimos sobreviventes do Comité Central da FRETILIN no interior (de entre cerca de cinquenta, no início da guerra!!!) se tornasse no polo aglutinador e símbolo da Resistência Maubere.

Poeta de delicada sensibilidade, receberá em Maio de 1975 o Primeiro Prémio do Concurso Literário do Centro de Turismo (de Timor).

Nos primeiros anos de ocupação foi apenas fotógrafo da Resistência.

Mas, quando em 1979 quase todos os guerrilheiros já tinham sido apanhados ou mortos, ou se tinham rendido, e as Falinteil ficaram reduzidas a raros grupos desarticulados, perdidos nas montanhas, sem contactos entre si e completamente isolados do exterior, Xanana Gusmão tomou a iniciativa de percorrer montes e vales à procura de companheiros sobreviventes.

Na sequência desses contactos,de 1 a 8 de Março de 1981 a Fretilin conseguiu reunir uma Conferência Nacional em Timor Leste, na qual Kay Rala Xanana Gusmão foi eleito líder da Resistência Armada.

Desde essa altura Xanana Gusmão, que nunca foi um chefe à moda ocidental, mas antes o intérprete do sentir do seu Povo, procurou, pelas mais diversas formas, atingir três objectivos:

a) *tornar verdadeiramente nacional a Resistência Maubere, ainda traumatizada pela guerra civil de Agosto -Setembro de 1975;*

b) *acordar a consciência internacional para o drama de Timor Leste, e conseguir um maior empenhamento de Portugal e o apoio internacional para uma solução negociada que respeitasse o direito à autodeterminação de Timor Leste;*

c) *tentar vias de diálogo com a Indonésia tendo em vista a solução negociada acima referida.*

É assim que vemos Xanana Gusmão sentar-se à mesa das conversações em Lari-Gutu, em 23 de Março de 1983, com o Comandante-em-Chefe das forças indonésias em Timor-Leste, Coronel Purwanto, ao qual apresenta um Plano de Paz em que prevê "a organização de consultas livres e democráticas ao Povo Maubere".

É nesse mesmo ano de 1983 que a Fretilin convida todos os nacionalistas timorenses à convergência, com vista à autodeterminação e independência. Em 1984 Xanana Gusmão lança um apelo radiofónico no mesmo sentido aos timorenses no exterior, em que diz: - "Nós, no interior, estamos unidos, é bom que vós, no exterior, também estejais unidos".

Este apelo, a que as direcções da Fretilin e da UDT no exterior respondem com um acordo de cooperação mútua no quadro de uma "Convergência Nacionalista", revelou-se de grande importância para o relançamento internacional da questão de Timor Leste.

Xanana Gusmão percorreu caminhos tortuosos, na procura de apoios internacionais, tentando arranjá-los, durante algum tempo, em países do Leste - sem qualquer resultado -, até concluir que a entidade internacional mais próxima e que poderia dar um apoio mais efectivo seria a Igreja Católica. Fez, por isso, um longo percurso de aproximação à Igreja, da qual o Povo de Timor estava, em grande parte, dependente.

E se encontrou , na Igreja de Timor, apoios não só humanitários mas, pela boca de D. Ximenes Belo, também iniciativas a favor de um referendo para o território, do nosso ponto de vista teve que pagar esses apoios com cedências táticas e estratégicas que terão limitado a sua margem de manobra e suscitado algumas críticas. Teve, além disso, que evitar armadilhas e repudiar múltiplas tentativas do Vaticano convidando à rendição.

Sentiu, com o seu Povo, as esperanças de auxílio que um Portugal quase mítico poderia proporcionar, e por diversas vezes manifestou o desejo de que este regressasse a Timor para levar até ao fim o processo de descolonização iniciado em 1974. Mas também sofreu, com o seu Povo, as desilusões de tantas hesitações e adiamentos da Potência Administrante. Fez-se eco dessas esperanças e dessas desilusões, por formas aparentemente contraditórias que nem sempre foram bem compreendidas.

À Indonésia ofereceu, muitas vezes, o ramo de oliveira, serenando-a, como em 10 de Maio de 1983 ao afirmar em comunicado:

> *"A FRETILIN declara que o Povo Maubere está consciente da sua inserção no Sudeste Asiático. A FRETILIN declara, por isso mesmo, que não desejará que Timor Leste seja foco de irradiação de conflitos. Timor Leste será um País não-alinhado e seguirá a política de coexistência pacífica. Os seus princípios regularão as relações com todos os Países e estreitarão os laços de cooperação no plano técnico, económico e cultural com os seus vizinhos. O Povo Maubere sabe que deve respeitar os interesses dos seus vizinhos e acredita também que os seus legítimos interesses serão respeitados".*

No sentido de consolidar uma resistência verdadeiramente nacional, e abrir portas a uma autêntica democracia, transforma as Falintil, de forças armadas da FRETILIN que eram, nas suprapartidárias Forças Armadas de libertação de Timor Leste. É esse o sentido da mensagem de 7 de Dezembro de 1987 em que Xanana Gusmão afirma:

> *"as FALINTIL só terão uma sublime missão a cumprir: a defesa da Pátria de todos nós e a manutenção da ordem interna, instaurada por uma Constituição que proclame a defesa das liberdades individuais e colectivas e o respeito pelos interesses de todos os cidadãos e camadas sociais de Timor Leste! Para que as gloriosas FALINTIL possam vir a cumprir plenamente a sua missão, dentro da estrutura do Governo, seja qual for a tendência política do Executivo, necessário se tornava afirmar deste já a neutralidade das Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor Leste."*

Em carta de 31 de Dezembro de 1988, para completar o processo de despartidarização das Forças Armadas de Libertação Nacional, o Comandante-em-Chefe, Xanana Gusmão, comunica a sua saída da FRETILIN.

Em 5 de Outubro de 1989 é de novo Xanana Gusmão quem esclarece e precisa melhor ainda:

> *"As FALINTIL (...) adquiriram, nestes últimos onze anos, o verdadeiro papel que lhes cabe e que se insere apenas na defesa da Pátria, tendo ficado assim libertas de qualquer dependência política para com determinado partido. (...)*
> *As FALINTIL não fazem política, mas desde já estão empenhados a ajudar a construir uma nação livre e democrática, sob os fundamentos do respeito pelas liberdades de pensamento e associação, de expressão e reunião e do respeito integral pelos direitos universais do Homem.*
> *O pluripartidarismo e uma economia de mercado serão os alicerces para um Timor Leste independente (que os guerrilheiros estão construindo com os seus cadáveres!). Estado livre e não-alinhado que não renunciará ao firme propósito de se candidatar à ASEAN, como contributo mais positivo para a estabilidade regional."*

Em Setembro de 1990 Xanana Gusmão ao ser entrevistado em directo por um jornalista australiano podeia afirmar, com serena confiança:

> *"(...) Se, há 3, 4 anos, ainda nos preocupávamos com o "depois da exterminação das FALINTIL", hoje, a exterminação das FALINTIL é apenas vista como um preço exigido pela PÁTRIA. Não só é com muito agrado mas é com um incontrolável orgulho que as FALINTIL constatam que os seus sacrifícios puderam acalentar e consolidar as bases de uma resistência verdadeiramente nacional, tornando-as indestrutíveis.*
> *A situação, no plano interno, atingiu um estádio inigualável e não podemos esconder a nossa imensa satisfação ao declararmos isto. As nossas esperanças, do início desta fase, tornaram-se nesta empolgante realidade, que fomos construindo com os cadáveres de todos quantos tombaram pela Pátria, a confiança que depositávamos na inexcedível abnegação do nosso Povo traduziu-se na própria certeza e a fé que sempre nos guiou corporizou-se enfim numa total assunção do dever de buscar a vitória.*
> *No plano global da guerra, todos estamos seguros de que o tempo corre a nosso favor e não a favor de Jacarta. No campo meramente militar, as FALINTIL estão conscientes de que já cumpriram o seu dever e estamos política, psicológica e moralmente cada vez mais preparados para aceitar a nossa exterminação, porque sabemos que a nossa exterminação não significará o fim da guerra. O Povo Maubere continuará a lutar e não desistirá, sejam quais forem os vendavais da História."*

Mas, depois disto, ainda um novo e importantíssimo passo foi dado pela Resistência Maubere: - conhecimento internacional do envolvimento das novas gerações na luta pela autodeterminação e o reconhecimento, na Indonésia e no Mundo, de que o problema de Timor não é um problema resolvido.

A fim de que a luta do seu Povo fose conhecida internacionalmente, Xanana Gusmão passou a ir a Dili com relativa frequência e estimulou a juventude a manifestar-se nas raras vezes em que há jornalistas ou personalidades estrangeiras de visita ao território.

Investe fortemente - alguns considerarão mesmo excessivo o investimento - na organização de manifestações para a Delegação Parlamentar Portuguesa e, tal como o seu Povo, sofre um duro golpe quando esta é cancelada. Decide então aproveitar a presença de jornalistas e do relator da ONU para a tortura, para desencadear a manifestação de 12 de Novembro de 1991 que resultou em mais um massacre.

As consequências são conhecidas. Para além dos cerca de seiscentos mortos e desaparecidos, há, finalmente, o acordar da opinião pública

internacional - incluindo a Indonésia - para o drama de Timor.

Depois de Santa Cruz a juventude timorense sofreu - e continua a sofrer - na carne, na tortura e na morte, o peso de uma ocupação criminosa, desumana e brutal. Muitos acham que o preço pago pelos timorenses foi demasiado elevado. Mas aquelas centenas de mortes, filmadas e contadas por jornalistas independentes, tiveram maior efeito na opinião pública internacional do que centenas de milhar de mortos, de presos, de esfomeados, de expoliados, violados e torturados durante dezasseis anos ...

Tentando manter viva a chama da solidariedade internacional e abertas as portas do diálogo que possam conduzir a uma solução negociada, Xanana expõe-se a riscos, permanecendo em Dili longos períodos, para responder a entrevistas, pedir apoios e mandar mensagens.

Ao verem o seu tempo a esgotar-se os militares indonésios de linha dura entendem que chegou a hora de mostrarem a sua força e capacidade de desferir golpes sobre a Resistência. Xanana é detido.

Alguns prefeririam que ele tivesse oposto resistência, para ser morto, ou que se suicidasse. Mas Xanana não tem o perfil psicológico nem a formação dos generosos heróis comunistas que lutaram contra os fascismos, como também não tem qualquer semelhança com um Hitler que preferiu suicidar-se a ser capturado.

Homem de extrema sensibilidade, sabe que os dirigentes psicológicamente mais lineares morreram em combate, como o Nicolau Lobato, ou foram torturados e retalhados até à morte, como o Cravarino.

E também sabe que grande parte dos que continuam a resistir, dentro e fora de Timor, devem a sua vida a cedências que fizeram ao brutal ocupante, a manifestações de falso arrependimento, a convites à rendição de companheiros e a outros tantos revoltantes favores que também fazem parte da via sacra dos timorenses sob a ocupação.

Outros imaginaram que Xanana Gusmão poderia tornar-se num Nelson Mandela timorense, esquecendo que, além das diferenças psicológicas, o regime indonésio é ainda mais brutal e muito menos respeitador da legalidade, em relação aos seus presos - e nomeadamente aos timorenses, desaparecidos aos milhares depois de detidos - do que o era o aberrante regime sul africano do "Apartheid".

Uma vez detido. e enquanto os seus familiares, tal como os de Abílio Araújo e outros, são torturados com requintes de maldade, Xanana Gusmão é obrigado a tornar-se no personagem indonésio que fez o discurso oficial - como aconteceu na primeira entrevista com o Governador fantoche de Timor Leste, - que convida os companheiros a renderem-se, e que acusa a Igreja de ter apoiado a Resistência, da qual esse personagem indonésio se distância.

Mas, ao mesmo tempo, espanta a astúcia com que nas entrelinhas ainda consegue fazer passar mensagens do Xanana Resistente, ao reconhecer Ma Huno como novo líder e ao afirmar que agora "tudo depende deles"isto é, dos outros resistentes, e ao lembrar que "eles não lutaram por mim", que é como quem diz: - agora que me vejo obrigado a fazer o jogo do ocupante para poupar vidas de outros companheiros, cabe a eles assumir a luta que é de todo o Povo e não apenas a minha luta (ou a luta de qualquer outro líder).

Embora não fosse necessário, é ainda Xanana quem lembra que, se estivesse livre, outras seriam as respostas que daria ao jornalista que o entrevistou ...

Hoje, que Xanana está nas mãos do ocupante, a maior traição que se poderia fazer ao Xanana resistente seria tomar como válidas as afirmações do Xanana personagem indonésio que ele é obrigado a representar.

E cremos que seria injusto para quem tanto fez com o seu povo, pelo seu povo, chamar traidor a um homem que assume todas as responsabilidades por dezasseis anos de luta para poupar os seus companheiros e os deixar mais livres para prosseguir essa mesma luta.

Igualmente injusto seria confundir a luta de todo o povo com a de um homem que, agora isolado dos seus, nas masmorras indonésias, deixou de poder mudar a história.

Sim, porque o Povo Maubere pode mudar a história, e Xanana foi um dos principais obreiros da mudança em curso. Agora que ele isolado e só já não pode mudá-la, cabe aos timorenses seus compatriotas unir esforços e continuar a luta que é de todo um povo e não apenas de um homem ou de um punhado de homens.

Como dizia há dias o jovem resistente timorense, Donaciano Gomes, "Quem capturaram foi o José Alexandre Gusmão, não foi Xanana. Xanana está na alma, no corpo e no espirito dos timorenses".

Mais do que um chefe e condutor de um povo, Xanana foi e é expressão e simbolo da luta de todo o povo Maubere.

E como ele dizia acerca de sua propria exterminação (não necessariamente física).

> *"a nossa exterminação não significará o fim da guerra. O Povo Maubere continuará a lutar e não desistirá, sejam quais forem os vendavais da História".*

2 <u>DETIDO AGORA PORQUÊ</u>

2.1. - <u>O TEMPO ESGOTA-SE PARA O REGIME INDONÉSIO</u>

A queda do muro de Berlim, em 9 de Novembro de 1989, marca o fim da guerra fria e do mundo bipolar - EUA - URSS - resultante da Segunda Grande Guerra.

Ao avanço comunista que se verificava em 1974/75, quer na Indochina, quer na África, quer na própria América do Sul, e que parecia quase imparável, a avaliar pela derrota americana no Vietnam cuja capital, Saigão, caía em poder dos comunistas em 30 de Abril de 1975, sucedeu-se a completa derrocada do bloco do leste e da maior parte dos regimes comunistas da Europa e da África, e de parte da Indochina.

Ao apoio americano a regimes ditatoriais anti-comunistas, que se verificou nas décadas de sessenta e de setenta, sucedeu a retirada desse mesmo apoio e a queda de regimes como o de Marcos, nas Filipinas (1986), de Chun Doo Hwan, na Coreia do Sul (1987), de Zia ul-Haq, no Paquistão (1988), de Pinochet, no Chile (1989) e outros.

O exercício do direito à autodeterminação também se viu concretizado, nos últimos três anos, mesmo em casos onde era calcado há mais de quarenta anos, como na Namíbia, na Estónia, na Letónia e na Lituânia, e ainda na Eritreia, e até no Canadá (Quebec)!

O resultado de toda esta evolução que alterou, quase por completo, o quadro geoestratégico mundial, é que a Indonésia perdeu a importância que tinha como bastião contra o avanço do comunismo. As águas profundas do estreito a norte de Timor que os submarinos atómicos americanos utilizavam, sem terem que vir à superfície, por especial concessão da

Indonésia, perdeu hoje, o interesse que teve nas décadas anteriores.

E mesmo a impunidade com que os grandes estados controlavam ou, até, anexavam os vizinhos mais fracos, sofreu um golpe profundo com a expulsão do Iraque do anexado Kuwait.

Por tudo isso, em Outubro deste ano o Governo Indonésio sofreu a primeira grande derrota no Congresso Americano, ao ver por este recusado um programa de apoio à formação de oficiais indonésios nos EUA.

A eleição de um Presidente americano que protestou contra a guerra do Vietnam em nome dos direitos humanos e dos direitos dos povos, é mais um factor importante neste quadro de mudança.

Podemos pois afirmar que o Governo Indonésio se apercebeu que o contexto internacional tornava impossível manter Timor Leste indefinidamente isolado do mundo e vitima de uma continuada ocupação e que esta ocupação começava a ter reflexos directos sobre a Indonésia, pelos motivos que a seguir sintetizamos:

a) *O acordar de opinião pública internacional, incluindo a americana e as pressões internacionais após o massacre de 12 de Novembro, que incluiram a suspensão de apoios económicos por parte de diversos países (Holanda, Canadá, Dinamarca) e acabaram por levar o Congresso Americano a cortar o apoio financeiro à formação de oficiais indonésios nos E.U.A..*

b) *A eleição de um novo Secretário Geral da ONU mais sensível ao problema de Timor Leste.*

c) *O boicote de Portugal ao acordo CE-ASEAN.*

d) *A eleição de um Presidente democrata nos E.U.A., e as promessas de Bill Clinton de que iria rever a política americana com a Indonésia tendo em conta o problema de Timor Leste.*

e) *A evolução da prática internacional, cada vez menos tolerante com invasões e anexações (Kuwait 1991), mais aberta às autodeterminações (Namíbia, Estónia, Letónia, Lituânia, Canadá, Eritreia, etc., etc., etc.), e interveniente em assuntos "internos" por razões humanitárias (Iraque, Sérvia, Montenegro, Somália, etc.).*

f) *O acordar das opiniões públicas dos países vizinhos da Indonésia (Austrália, Tailândia, Malásia, Singapure), para o drama de Timor Leste, que torna mais difícil, aos respectivos governos, continuar a apoiar a ocupação indonésia de Timor Leste.*

g) *A Presidência Indonésia dos Não Alinhados, a exigir desta provas de moderação e de capacidade de diálogo na resolução de conflitos.*

2.2. - NO CONFLITO ENTRE SUHARTO E OS MILITARES ESTES ÚLTIMOS PERDEM TERRENO E TEMEM SER PRETERIDOS NA SUCESSÃO

É sabido que quando subiu ao poder, em 1965, Suharto se apoiou basicamente nos militares que desempenharam, durante largos anos, uma "dupla função", militar, por um lado, e político-económica, por outro.

Com o decorrer do tempo, no entanto, começaram a surgir conflitos, cada vez mais graves, entre um Suharto ciosos do seu poder pessoal - e da sua família - e uma classe militar corrupta, habituada a enriquecer à custa da sua "dupla função".

Em 1991, por duas vezes, Suharto nomeou oficiais-generais para funções de chefia que as Forças Armadas Indonésias recusaram abertamente. Os conflitos arrastaram-se e o Presidente indonésio viu-se obrigado a ir à televisão esclarecer o assunto e forçar as ABRI a aceitar as suas nomeações. O próprio boicote dos militares da linha dura à visita da Delegação Parlamentar Portuguesa e o massacre de Santa Cruz inserem-se num conflito entre a classe política mais aberta à evolução - e consciente de que sem isso se arrisca a convulsões internos e à perda de ajudas internacionais tão necessárias ao desenvolvimento - e a classe militar mais radical que só sabe afirmar-se pela força bruta das armas.

No plano interno, da própria Indonésia, os militares perdem terreno, e temem ser preteridos na luta pela Vice-Presidência e pela sucessão em benefício de sectores civis mais abertos à evolução democratizante. E, por isso, têm pressa em afirmar a sua força e marcar pontos no xadrês político interno.

Em sintese podemos dizer que a detenção de Xanana agora tem que ver com:

a) *as próximas eleições presidenciais na Indonésia e o desejo de os militares, chefiados agora por Try Sutrismo, se afirmarem na corrida à vice-presidência;*

b) *a concorrência económica entre militares e a família de Suharto (detentora de grandes negócios e diversos monopólios);*

c) *a ascenção de uma classe média não militar que reclama maior poder de intervenção e abertura democrática, e que já exige mesmo publicamente um referendo de autodeterminação para Timor Leste (como recentemente o fez, por exemplo, a Senhora Berar Fathia, candidata à Presidência da Indonésia);*

d) *a necessidade de encobrir outros conflitos, como os da Nova Guiné Papua Ocidental (Irian Jaya) e do Acheh (norte de Sumatra).*

3 - *DETIDO PARA QUÊ?*

3.1. - *PARA PORTUGAL IR ENFRAQUECIDO À ONU - OU, DE PREFERÊNCIA NEM SEQUER LÁ IR. - E DEIXAR DE BLOQUEAR O ACORDO ENTRE A CE E A ASEAN*

A data da detenção de Xanana Gusmão se tem que ver com a aproximação das eleições presidenciais indonésias, parece ter ainda mais a ver com as próximas conversações entre a Indonésia, Portugal e as Nações Unidas, na presença do Secretário Geral da ONU.

Daí a pressa com que foram feitas as entrevistas televisionadas a Xanana.

E, porque um dos principais objectivos era fazer um tratamento de choque à opinião pública portuguesa que levasse a cedências nas conversações em Nova York, é que o jornalista João Gabriel foi autorizado a permanecer na Indonésia e a entrevistar Xanana Gusmão.

É curioso que diversos jornalistas indonésios pretenderam vir agora a Portugal - talvez para dar credibilidade a mentiras publicadas nos jornais indonésios sobre a posição do nosso país - e pelo que diziam até parecia

acreditarem que perante o fim da resistência timorense (como se a captura de Xanana Gusmão acabasse com a resitência de todo um Povo!) a Portugal só restava reestabelecer relações diplomáticas com a Indonésia e preservar um pouco de cultura lusitana em Timor Leste!

Com a prisão de Xanana, e tantas outras prisões e torturas, os militares indonésios deram mais razões ao Governo Português para não ir a Nova York falar com o representante do Governo Indonésio.

Se Portugal caísse na tentação de recusar o diálogo nas actuais condições, ficaria isolado e a Indonésia ainda poderia afirmar que era Portugal e não ela quem se recusava ao diálogo. A Indonésia seria, nesse caso, a grande vencedora desta jogada!

A partir daí Portugal ficaria isolado e seria mais fácil à Indonésia covencer os restantes parceiros da Comunidade Europeia, em nome do realismo, a assinar o acordo entre a CE e a ASEAN que este deste Julho vem boicotando.

3.2 - *PARA ENFRAQUECER A POSIÇÃO DA IGREJA*

Tendo em conta a influência mútua da Igreja Católica na estratégia de Xanana Gusmão, e deste nalgumas atitudes corajosas do bispo D. Ximenes Belo, a detenção de Xanana Gusmão pode ser vista também como um golpe dado na Igreja de Timor.

O Coronel Prabowo, genro de Suharto, afirmou publicamente que enquanto Xanana, Mário Carrascalão e Ximenes Belo não fossem abatidos, seria impossível controlar Timor.

Mário Carrascalão deixou o cargo de Governador e está colocado em Jakarta. A mudança de Governador facilitou a detenção de Xanana Gusmão. O próximo alvo será, certamente a Igreja de Timor e o seu bispo.

3.3. - *PARA CONSUMO INTERNO E EXTERNO*

Internamente os militares da linha dura recuperaram da humilhação que foi para eles o inquérito promovido por Suharto contra alguns dos autores do massacre de Santa Cruz, e marcaram pontos na luta pela sucessão. Além disso avisaram Alatas de que não deve fazer concessões a Portugal em Nova York, no próximo dia 17 de Dezembro.

Externamente, tiveram um gesto de fanfarronice face ao novo Presidente Americano, como que a preveni-lo, ainda antes de ele tomar posse, de que não se deixarão impressionar com a sua política de defesa dos direitos humanos e dos povos (de que a anterior administração democrática, de Carter, deu provas suficientemente irritantes para a Indonésia ...).

Só que estes militares esquecem que a brutalidade da sua actuação não é lida como prova de força mas, pelo contrário, sinal de quem a está a perder ...

4 - *NUMA HORA DIFICIL IMPÕE-SE COERENCIA E FIRMEZA*

Se a hora é grave e difícil para os timorenses, a evolução internacional e na Indonésia contém sobejos sinais de esperança. Tudo indica que o tempo se vai esgotando para o regime indonésio e, sobretudo para a ala mais dura dos seus militares.

Há, por isso, todas as razões para perseverar.

A própia Resistência Timorense, embora muito abalada, já deu sinais de continuar a luta, inclusivé com acções armadas da sua própria iniciativa que, não só fontes de Resistência mas até o próprio General Theo Syafei confirmam.

Nestas circunstâncias é fundamental:

a) *Que Portugal mantenha, habilmente, a questão de Timor na ONU, participando nas conversações que o Secretário Geral promove, no âmbito do mandato que a AG da ONU lhe conferiu. Por mais motivos que a Indonésia tenha dado a Portugal para se recusar a ir às conversações, não corresponder ao apelo nesse sentido do SG da ONU seria um desastre para Portugal e para o*

Povo de Timor Leste;

b) *Que Portugal mantenha com firmeza e coerência o seu boicote ao acordo CE - ASEAN, sem o que perderia um dos raros trunfos do seu lado.*
A Comunidade Europeia terá que compreender, que a longo prazo a política de respeito pelos direitos humanos e pelos direitos dos povos é a única que colhe.
E Portugal, como país sem força militar, económica e política de peso, não deverá esquecer que se perde a força moral fica reduzido a nada, no plano internacional.

c) *Apoiar a Igreja de Timor Leste e a proposta de Ximenes Belo com vista a uma autentica autodeterminação;*

d) *Continuar a apoiar a Resistência Timorense, com compreenssão para as paixões que tanta luta e tanta dor necessáriamente provocam, e ajudando, na medida do possível, a favorecer o diálogo e a congregação de esforços entre as várias correntes da Resistência em torno do objectivo que a todas une e que é de uma autêntica autodeterminação para Timor Leste.*

Porto, 14 de Dezembro de 1992

O Coordenador das Jornadas de Timor da UP

António Pinto Barbedo de Magalhães
(Prof. Catedrático)

(Padre José Lopes Baptista)

(Membro do Grupo Paz e Justiça para Timor Leste)